

DEPÓSITO LEGAL
1. AGO 1942

193
MUNDO GRÁFICO



Erasto
e
Maria Clara
dansando
sobre
os telhados
de
Lisboa

B. B. C.

A Voz de Londres fala
e o mundo acredita

Emissões em Língua Portuguesa

12,45 noticiário	31,75 m. (9,450 kg/s)
	24,92 m. (12,040 kg/s)
	18,38 m. (21,840 kg/s)
14,15 noticiário	31,75 m. (9,450 kg/s)
14,20 actualidades . . .	24,92 m. (12,040 kg/s)
	30,96 m. (9,690 kg/s)
	31,55 m. (9,510 kg/s)
23,00 noticiário	41,96 m. (7,150 kg/s)
	1,500 m. (200 kg/s)
	21,55 m. (9,510 kg/s)
23,15 actualidades . . .	41,96 m. (7,150 kg/s)
	261,1 m. (11,400 kg/s)
	1,500 m. (200 kg/s)



Sumário

A NOBRE FIGURA DO REI HAAKON DA NORUEGA,
por M. Nord

REFLEXOS DO MUNDO

ALAN HARTLEY, biografia

CRÓNICA INTERNACIONAL, por «O Observador»

A BASE DE INVASÃO

A REPÚBLICA DA GUATEMALA, por S. Saboya

OS ANTIQUÁRIOS, por M. M.

A ACÇÃO DA R. A. F.

SOBRE OS TELHADOS DE LISBOA

A NORUEGA NA LUTA

ACTUALIDADES

A INGLATERRA ATACA

OS HOMENS QUE ENFRENTAM A MORTE

A ALEGRIA DO MAR

EPISÓDIOS DA GUERRA

EIS A AMÉRICA!

FIGURAS E FACTOS

A FRENTE DE AUCHINLECK

UMA OBRA DE ASSISTÊNCIA

NA INGLATERRA

PÁGINA FEMININA, de Aurora Jardim

DISNEY E A GUERRA

WALTER SCOTT, de A. R.

A CAMPANHA DE LESTE, por Carlos Ferrão

UM HOMEM NO HOSPITAL, novela de Guedes de Amorim

CINEMA, de António Lourenço

Capa de J. Lobo



CONSTRUÇÃO NAVAL

Um operário português rebitando uma chapa de aço do costado de um navio



Quando sentir
Dores de Estômago

**RENNIE ACTUA EM
60 SEGUNDOS**

Às vezes, a indigestão ataca no momento mais inconveniente, quando se passeia, trabalha ou se viaja. Se usa remédios que precisam de ser medidos e misturados com água, num copo, terá de suportar o sofrimento. Mas nada disto é necessário. Pode ter sempre consigo, na algibeira, algumas pastilhas Rennie (são embrulhadas em papel parafinado) e assim tomá-las onde quer que se encontre.

Rennie tem gosto agradável, chupa-se como bombons. Ao mesmo tempo, que se dissolve na boca, os seus 15 ingredientes atacam a indigestão. Neutralizam a ardência causada pela acidez, aliviam a dor, fazem desaparecer a flatulência e o mal estar.

Bastam 80 segundos para a Rennie acabar com o mais forte ataque de indigestão pois chega ao estômago com toda a sua força, sem diluições pela água.

Rennie tem dado alívios a pessoas que sofreram durante anos. 1198 médicos usam e recomendam estas pastilhas aos seus doentes.

Experimente Rennie imediatamente.

Compre um pacote em qualquer farmácia ainda hoje.

HERPETOL

PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOTTA DE HERPETOL e o seu desejo de coçar passou. A comichão desaparece como por encanto. A irritação é dominada, a pele é refrescada e aliviada. Os alívios começaram. Medicamento por excelência para todos os casos de eczema húmido ou seco, crostas, espinhas, as erupções ou ardência na pele.

À venda em todas as farmácias e drogarías

**Vicente Ribeiro & Carvalho
da Fonseca, Limitada**

RUA DA PRATA, 237
LISBOA



A nobre figura do Rei Haakon da Noruega

por M. NORD

HÀ 37 anos — em 7 de Junho de 1905 — que a Assembleia Nacional norueguesa (o «Storting») tomou na histórica decisão que trouxe o Rei Haakon à Noruega. Nesse dia, o «Storting» resolveu unanimemente separar-se da Suécia e constituiu a Noruega em reino independente e soberano. Em Novembro do mesmo ano, depois de um plebiscito que deu uma esmagadora maioria a favor duma monarquia constitucional, o príncipe Carlos da Dinamarca veio para a Noruega e foi coroado na histórica catedral de Trondheim com o nome Haakon VII.

O rei Haakon tornou-se, assim, o governante da Noruega por livre escolha do povo. Foi eleito por sufrágio livre, e durante cerca de 37 anos tem guardado fielmente o seu compromisso de governar de harmonia com os princípios da Constituição. Coube-lhe ser o Chefe do Estado norueguês durante o período da sua realeza como um país independente — um período durante o qual os princípios constitucionais formulados em Eidsvold a 17 de Maio de 1814 sofreram as provações das crises económicas e das guerras mundiais. Através de todo este período, o Rei Haakon nunca desrespeitou o seu compromisso para com os princípios e convicções daquele povo que o chamou para seu monarca.

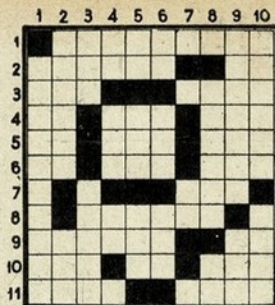
A popularidade do Rei Haakon estava já firmemente estabelecida quando a Noruega foi arrastada para a órbita da segunda guerra mundial, mas foi a invasão alemã de 9 de Abril de 1940 e tudo quanto se seguiu que revelaram mais eloquentemente as nobres virtudes do Rei Haakon. Um incidente que ocorreu no primeiro dia do ataque alemão veio traçar o caminho dos acontecimentos posteriores. Quando se tornou evidente que Oslo estava cercada pelas forças alemãs vindas por via aérea, resolveu-se que o Rei, o Governo e os membros da Assembleia Nacional deveriam deixar a capital e retirar-se para a cidade de Hamar. Foi reservado um comboio especial para o Governo e a Assembleia Nacional, mas reconheceu-se que o Rei deveria seguir de automóvel. Quando o automóvel chegou ao Palácio, o Rei ordenou que ele o conduzisse à estação, onde foi tomar o comboio. O Rei Haakon mostrou assim que não desejava receber qualquer tratamento especial, e que pretendia estar junto dos seus ministros e representantes do povo norueguês para onde quer que eles fossem.

Assim começou a odisséia de dois meses que há-de ficar na história como uma das mais notáveis acções dum monarca reinante. Durante eles, o Rei Haakon partilhou, acompanhado do príncipe herdeiro Olav, todos os sofrimentos e provações dum povo combatendo desigualmente contra forças esmagadoras. Para onde quer que fosse, desde Oslo, no sul, até Tromsø, no norte, o Rei Haakon foi acossado e perseguido pelos soldados alemães e em especial pelos bombardeiros alemães. Nem uma só vez mostrou desfalecimento no seu dever de conduzir o povo na luta. Ia dum lugar a outro, desarmado e desacompanhado, recusando mesmo a protecção duma pequena guarda pessoal, sofrendo as mesmas privações e as mesmas dificuldades dos milhares de simples noruegueses que se congregaram para defender o seu Rei e o seu País, onde quer que o pendão de batalha se erguesse.

Em muitas ocasiões os bombardeiros alemães estiveram bem perto de atingir o seu alvo. Em Nybergsund, enquanto o Rei e o Príncipe herdeiro procuravam abrigo nos bosques contra um ataque alemão, uma bala de metralhadora veio enterrar-se na neve, entre os dois. Em outra ocasião, uma bomba caiu a uma distância de apenas 25 metros. Uma barraca de madeira que estava entre ele e o lugar onde a bomba caiu, foi uma precária defesa contra os estilhaços. Contudo, durante estes aventureiros meses, o Rei conseguiu conservar-se em ligação constante com os seus ministros e o seu povo e inspirá-los com o seu exemplo a prosseguir a luta contra o invasor.

Antes de deixar a Noruega, o Rei Haakon enviou, da estação de «rádio» de Tromsø, um emocionante apêlo ao seu povo, exortando-o a permanecer firme e a conservar-se fiel à sua pátria. «Nós que vos mandamos este apêlo na hora em que somos forçados a abandonar o solo norueguês, disse, estamos resolvidos a consagrar toda a nossa energia, as nossas vidas e tudo que nos é caro à causa da Noruega. Estamos confiados em voltar dentro em pouco a uma Noruega livre e independente e temos esperança de que o faremos com honra. O pensamento que há-de dirigir todas as nossas acções além-mar, e que sabemos ser partilhado em comum por todos aqueles que ficam na pátria, está expresso nestas palavras: «Viva a Noruega! Tudo pela Noruega!».

Entre os documentos postos a circular clandestinamente pela oposição, na Noruega, está um conhecido como «os dez mandamentos de todo o verdadeiro norueguês». No primeiro destes mandamentos lê-se: «Deveis obedecer ao Rei Haakon, a quem elegestes».



PROBLEMA N.º 44

HORIZONTAIS

- 1 — Partidários da doutrina dos que consideram a alma como causa de todos os fenómenos vitais e intelectuais.
- 2 — Ninheria; Produz.
- 3 — Escavados; Espaço celeste.
- 4 — O mais; Pau ferro; Agora.
- 5 — À ti; Iniciais da maior organização aeronáutica do Mundo; Cessa-se (inglês).
- 6 — Nêsse lugar; Fileira; Catafalco.
- 7 — A favor.
- 8 — APELIDO DO MARECHAL DO AR, INGLÊS, QUE COMANDA A OFENSIVA AÉREA SOBRE A ALEMANHA.
- 9 — Género de peixes muito vulgares nos regatos; Percebe.

10 — E o resto; Nota musical; Astrom considerado como centro dum sistema planetário.

11 — Patranhas; Divirto-me.

VERTICAIS

- 1 — Que se não pode atacar.
- 2 — Dei sem efeito; Apêto.
- 3 — Preposição e artigo (pl.); Dança lúbrica dos negros.
- 4 — Prefixo de negação; Zanga; Atmosfera.
- 5 — Nota musical; Aquêlc; Batráquio (pl.).
- 6 — Dirigia-se; Interjeição; Corroir.
- 7 — Letra grega.
- 8 — APELIDO DO GENERAL CHEFE DA AVIAÇÃO NAVAL AMERICANA; Ermo.
- 9 — Enfeite (subst.); Som.
- 10 — Curada; Cuidado excessivo no cumprimento dum dever.



(Solução do problema n.º 43)

MÁQUINA DE ESCREVER NÃO ERA CONHECIDA ATÉ QUE EM 1873

REMINGTON

CONSTRUIU A PRIMEIRA

Máquinas
Comerciais
Portáteis
Somar
Contabilidade

OFICINAS DE REPARAÇÃO COM PESSOAL ESPECIALIZADO

Ficheiros **KARDEX** e Arquivos

LISBOA

PORTO

R. da Misericórdia, 20-1.º

R. Sá da Bandeira, 69-2.º

Telefones: 2 1802 - 2 1803

Telefone: 1 276

REFLEXOS DO MUNDO

Acto heróico



Um grupo de aviadores australianos foi salvo numa ilha do Pacífico, mesmo nas barbas

dos japoneses enviados para o capturar.

Um submarino americano conseguiu esquivar-se às unidades inimigas que patrulhavam a costa, e um marinheiro nadou vagorosamente para terra, onde estabeleceu contacto com os australianos.

Foram levados para bordo do submarino num barco, sob o fogo inimigo, que não atingiu nenhum dos aviadores.

O episódio foi agora tornado público com a concessão de Cruz Naval, a mais alta condecoração da armada dos Estados Unidos, ao comandante do submarino e a um dos seus guardas-marinha.

O que foi Midway

A batalha de Midway, que durou três dias, foi ganha nos primeiros quinze minutos.

Conta o correspondente duma agência telegráfica que assistiu ao encontro, que só num quarto de hora os bombardeiros mergulhantes americanos puseram fóra de acção três ou quatro porta-aviões japoneses.

Estavam os pilotos a tomar o pequeno almoço, a bordo do seu porta-aviões, quando se ouviu tocar a combate. Rapidamente os aviões deslizaram pela ponte fóra, não sem que o almirante americano desejasse felicidades: a eles e à América.

Ao descrever os incendios nos porta-aviões inimigos, um desses pilotos disse que

«Hollywood não faria melhor».

Um piloto americano atingiu um porta-aviões nipónico quan-

do dele descolava um avião. A explosão foi de tal modo violenta que o aparelho foi projectado no mar.

Outro piloto atingiu um segundo porta-aviões, mesmo no centro da pista, inutilizando-o. O mesmo navio foi atingido segunda vez por outro avião e incendiou-se.

A luta continuou por mais três dias mas o inimigo fóra atingido nas suas unidades principais. Sem aviação e sem navios os nipões não puderam atingir os seus fins no Pacífico.

A América deve mais essa vitória à coragem e decisão dos seus aviadores.

Os heróis da R. A. F.



mando da R. A. F., no Mediterrâneo.

Tem 50 anos e é um ás da última guerra. É dos melhores técnicos de caça da R. A. F. Antes de entrar na aviação, bateu-se ao lado das forças neozelandesas, em Gallipoli.

Na presente guerra dirigiu o famoso grupo n.º 11, que tanto se notabilizou na batalha da Gran-Bretanha.

Voou centenas de horas quando comandava a esquadilha de caças que defendia Londres, a capital do Império. O seu «Hurricane» ficou célebre. Igualmente, num «Hurricane», durante a evacuação de Dunquerque, fez numerosos voos de reconhecimento sobre as praias francesas para ver qual a posição das tropas britânicas. Foi, nessa altura, o último piloto a patrulhar essas paragens.

Uma vez foi abatido por um avião britânico, que suspeitou que o «Hurricane» por ele comandado, fosse tripulado por um alemão.

Dirige, desde o princípio do corrente ano, a R. A. F. no Egipto.

O vice-marechal do Ar Keith Rodney Park assumiu, há dias, o comando da R. A. F., no Mediterrâneo.

«É assim, rapazes!»

O tenente-coronel aviador Bredon Finnane foi morto em combate. Tinha 21 anos e no seu activo contava já 32 aviões alemães abatidos. Comandou um dos maiores ataques aéreos feitos pela aviação de caça contra objectivos inimigos em França. Ao sobrevoar, a pequena altura, um posto de metralhadoras, o atirador inimigo, com um tiro de sorte, atingiu o «Spitfire» tripulado por Finnane, no radiador.

A temperatura do motor subiu, perigosamente e Finnane atacou ainda o objetivo que lhe competia. Depois iniciou a viagem de regresso.

Voava demasiado baixo para se poder lançar em paraquedas e o aparelho trabalhava mal para poder ganhar altura.

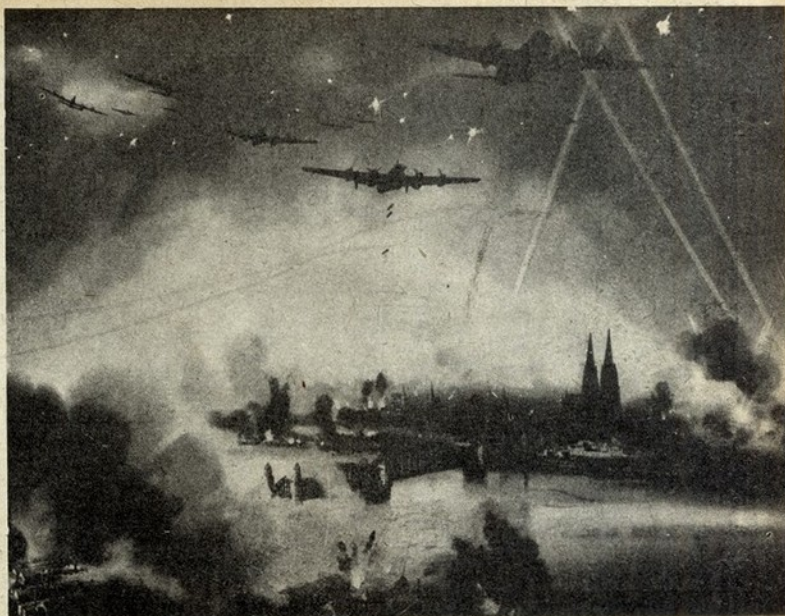
Finnane tentou pousar embora, violentamente, no mar. O «Spitfire», porém, afundou-se como uma pedra, levando consigo o piloto, que tanta vez rivalisara com as águas.

A última mensagem de Finnane para o comandante da base foi esta: «É assim mesmo, rapazes!»

Nessa altura já o motor pa-



e faianças artísticas género antigo



TEMPESTADE SÔBRE A EUROPA

A R. A. F. esmaga com as suas potentes bombas os centros industriais da Alemanha. Uma visão do ataque a Colónia

rara e a epopeia do aviador, atingira o seu término.

Abraçou-se às ondas e, para sempre, desapareceu. É desta tempera que eles são — heroicos e invencíveis.

Operação difícil



Um operação das indústrias de guerra americanas, que foi ferido no coração, conseguiu salvar-se, graças a uma das mais difíceis e raras operações na história da medicina. Os médicos seccionaram-lhe três costelas, cozendo-lhe depois o coração com sete agramos. O san-

gue que saía da viscera foi, de novo, transfundido nas veias da vítima que já voltou às bancadas da oficina, trabalhando no gigantesco arsenal americano.

O grande arsenal

No espaço de trinta e cinco minutos foram lançados à água, nos estaleiros de uma companhia de construções navais da costa oriental dos Estados Unidos, três contra-torpedeiros. Nos mesmos estaleiros haviam sido lançados em três de Março último, e no espaço de 50 minutos, quatro contra-torpedeiros. Estes números dizem tudo. A sua grandeza é esmagadora.



MESMO COM OS OLHOS FECHADOS!

RECONHEÇO PELO SEU AGRAVAVEL SABOR E AROMA QUE É UM CIGARRO FEITO COM PAPEL DE FUMAR



AZULEJOS

FÁBRICA SANTANA

Rua do Alecrim, 91-97/Telef. 22537-81592/LISBOA



ALAN HARTLEY ★

A escolha do general sir Alan Hartley para o novo posto de adjunto do comandante em chefe na Índia foi recebida com evidente agrado, por se tratar de uma das mais categorizadas figuras do exército britânico a porque é de es. erar que as suas reconhecidas qualidades sejam postas à prova com êxito no desempenho das funções delicadas que acabam de lhe confiar.

O general Hartley tem actualmente cinquenta e nove anos. Filho dum médico, foi educado em Charterhouse, dando depois entrada na famosa escola militar de Sandhurst. Entrando na carreira das armas, desempenhou a sua primeira comissão de serviço durante a guerra sul africana, nos primeiros anos deste século.

Terminada a guerra anglo-boer seguiu para a Índia onde foi incorporado no famoso regimento dos lanceiros de Bengala.

Durante a conflagração mundial de 1914-18 prestou, primeiro, serviço na frente ocidental, batendo-se valentemente em França e na Bélgica. Depois foi chamado a prestar serviço no Irak e no Egipto onde se encontrava quando cessaram as hostilidades.

Feita a paz, continuou a fazer parte das guarnições do Próximo Oriente. Alcançou os postos mais elevados, sendo promovido a coronel em 1932. Director dos serviços de operações na Índia durante quatro anos (1933 a 1936), regressou à metrópole, finda essa missão. Quando estalou o actual conflito foi novamente enviado a Índia onde se tem conservado. Conhece, por isso, minuciosamente o país e a sua situação militar sendo a personalidade mais indicada para auxiliar o general Wavell na pesada tarefa que este illustre cabo de guerra tem de desempenhar.

CRÓNICA INTERNACIONAL

A manobra e o massacre

“AS batalhas ganham-se pelo massacre ou pela manobra. O general é tanto maior quanto mais recorre à manobra e menos ao massacre. A teoria que coloca a batalha de desgaste em primeiro plano, é negada pela história e seria repelida pelos grandes chefes militares do passado. Quasi todas as batalhas, tidas como obras primas de arte militar foram batalhas de manobra.

O seu estudo leva à conclusão de que o inimigo foi batido graças a um processo ou a um plano novo, a um ataque de surpresa ou a um estratagemas rápido. Em muitas batalhas as perdas do vencedor são as mais ligeiras.

Por atribuímos aos chefes militares os dons que asseguram a vitória sem recorrer ao massacre temos a sua profissão em tão alto conceito».

Estas regras, que são de todos os tempos e de todos os climas, foram minuciosamente formuladas, nos termos que aqui deixamos transcritos, pelo homem que é, neste momento decisivo da história da humanidade, o Primeiro ministro e o ministro da defesa nacional do seu país. Por mais duma vez, na sua própria pátria, tem sido censurada essa modalidade de funções. Para ao final se reconhecer que ninguém com a sua autoridade, com o seu prestígio e com a sua competência, seria capaz de dirigir a alta estratégia que, no conflito a que assistimos, não pode separar o conjunto da situação militar das realidades políticas predominantes.

Mesmo a fazer a guerra há um sentido de humanidade a que ninguém consegue eximir-se. O génio militar de Foch é ainda hoje uma labareda a iluminar a memória dos tempos. Entretanto, quem se lembra do nome do seu camarada Nivelle, que encheu o noticiário dos jornais nas horas dramáticas que os países aliados tiveram há um quarto de século? O grande marechal de França tinha o respeito pela vida humana que o levava a meditar religiosamente as suas operações antes de dar a palavra de ordem que havia de conduzir os soldados à vitória.

A imaginação é a primeira condição da manobra. Foi assim com os capitães dos tempos antigos e com os chefes militares dos tempos modernos. Se compararmos a série de operações que os alemães conduziram em França, utilizando os seus especialistas de diversas armas e poupando o grósso das forças de que dispunham, com a hecatomba que, para ambos os adversários tem sido a campanha da Rússia, poderemos tirar na linha do pensamento enunciado por Churchill nas suas admiráveis «Memórias» algumas conclusões sobre a próxima evolução do conflito a que assistimos.

A Gran-Bretanha, hoje estreitamente aliada a outra grande potência anglo-saxónica, os Estados Unidos, mantém em reserva alguns milhões de homens, excelentemente treinados e admiravelmente equipados. Esses soldados são o penhor da sua vitória. Seria necessário ignorar o pensamento profundo do chefe político que dirige presentemente os destinos daquele país para supor possível lançá-los numa aventura ou encarregá-los de realizar uma improvisação. «O general é tanto maior quanto mais recorre à manobra e menos ao massacre». Estas palavras são um lema de acção que se aplica, com uma propriedade perfeita, às horas que decorrem. É de manobra e não de massacre que se trata neste momento. A Gran-Bretanha, preparando-a na sua calma tradicional, dispõe-se mais uma vez, a dar ao mundo a lição definitiva que o seu passado e a sua missão histórica lhe impõem.

O OBSERVADOR

Mais outro...

Um daqueles românticos lugares, que são como que o símbolo do trabalho português, nas águas do mar, foi torpedeado por um submarino, quando, pacificamente, se entregava à sua falna. Não pode ter havido um engano, um destes casos fatais da guerra, mas a premeditação, o gesto brutal de quem pode gozar de impunidade. O frágil «Maria da Glória» encontrava-se sem um canhão, um passageiro ou qualquer mercadoria.

O «Maria da Glória» é o sétimo navio português, afundado. Se os casos anteriores de modo algum se justificam, este último reveste-se de circunstâncias ainda mais graves, porque todas as leis de moral humana foram excluídas na perpetração desse nefando atentado, que a consciência nacional condena com a maior indignação.

Como ocorreu semelhante acto de «heretismo» naval?

Porque se bate a Inglaterra

A Inglaterra não quis a guerra. Quando ela começou não tinha num exército e julgava que a política europeia se podia basear, como sempre foi a sua tradição de honestidade, na palavra dos homens e nos seus tratados. Talvez que os seus dirigentes não tivessem, então, lido um livro muito vulgar de obnoxias e especiosas razões. Depois foi a vaga de fundo que submergiu quasi todos os países. Duas vezes lhe ofereceram a paz assente sobre a sujeição da Europa, e ela, que nada perdia, recusou-a de ambas, obedecendo assim aos mais dignos preceitos de moral internacional, e num puro idealismo. A Inglaterra bate-se para libertar a Europa, tal qual como no tempo de Napoleão!

A segunda frente

O comico monstro de Madison Square, no qual se pediu ao presidente Roosevelt o estabelecimento imediato da «segunda frente», é bem característico do estado de espirito do povo americano.

Na Inglaterra passa-se o mesmo. O povo grita a Churchill, durante uma parada militar: ataque! Mas indícios: a mensagem que o presidente dos Estados Unidos dirigiu à França, no dia 14 de julho; a designação de prestigiosas figuras militares americanas para junto do general De Gaulle; e mesmo o que se passa, em França, «leoa que tem garras e que se sabe servir delas», como se lê, no pedestal duma pequena escultura, circulando agora naquele país.

MUNDO GRÁFICO

REVISTA QUINZENAL

Director: ARTUR PORTELA
Editor: ROCHA RAMOSPropriedade de Mundo Gráfico, L.^a

Redacção e Administração: Rua das Gáveas, 6-2.º / Lisboa / Telefone 2 5240

Composição e Impressão: Neogravus, Ld.^a, Travessa de Oliveira, à Estrela, 4 a 10 — Lisboa

PAGINAÇÃO DE ROMEU MARQUES CARDOSO

Preço 1850

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



O exército anglo-americano vai libertar a Europa

A BASE de INVASÃO

POR mais duma vez se tem falado no abraço que ingleses e norte-americanos, fraternalmente empenhados, numa tarefa comum, estreitam por sobre a imensidade do Atlântico. Os soldados que desembarcam em Inglaterra e os chefes militares que conversam quasi diãciamente sobre as vicissitudes da guerra, os marinheiros que correm os mesmos riscos e se saúdam com frequência no alto mar, os aviadores que incessantemente cobrem a distância que separa as ilhas britânicas dos Estados Unidos são expressões vivas e palpantes desse abraço simbólico que



A decisão dos "comandos" ingleses. Estes homens batem-se como leões e podem considerar-se invencíveis



Os tanks "mamutes" dos Estados Unidos esmagam as trincheiras alemãs

é a primeira e uma das mais sólidas realizações do mundo de amanhã.

Mas nenhuma tem a actualidade de Londonderry, que os representantes dos jornais de todo o mundo há pouco visitaram, enlevados e cheios de uma admiração compreensível. Londonderry, a magnífica base

criada no norte da Irlanda, em cerca de cinco meses, verdadeiro prodígio de engenharia e afirmação vigorosa da capacidade realizadora e da iniciativa incansável dos países anglo-saxónicos.

Oficialmente, Londonderry é a base naval para as operações da esquadra norte-ameri-

cana em águas europeias. A sua construção obedeceu a dois objectivos que foram plenamente alcançados: receber e reparar os navios de guerra das esquadras dos dois países que se empregam na tarefa exaustiva de proteger os comboios que atravessam o Oceano. A resistência britânica aos ataques alemães, no período inicial que se estendeu entre Junho de 1940 e Junho de 1941, e que ficará como uma das mais belas páginas na história da humanidade, permitiu que a testa de ponte necessária à acção decisiva das forças anglo-americanas realizem plenamente a sua missão. No complicado sistema de comunicações que é a base de estratégia das nações unidas, o aperfeiçoamento dessa testa de ponte gigantesca, instalando nela centros de actividade como Londonderry, foi a primeira condição essencial para alcançar a vitória.

Com a reparação e vitoria das unidades de escolta, a base de Londonderry serve

(Continua na pág. 29)



Em cima: A vitória será deles. A gloriosa infantaria inglesa vai desembarcar na Europa. À direita: os aviões americanos inundarão os ares do velho continente





A REPUBLICA DA GUATEMALA E O SEU REPRESENTANTE EM LISBOA

ENTRE as repúblicas latinas do Sul da América, a Guatemala pertence ao número das que se orgulham da sua multi-secular raça indígena, que a prolongada dominação espanhola não pôde ofuscar. País relativamente pequeno, mas possuidor duma etnia muito própria, muito sua, de que não abdica, a Guatemala enfileira junto das demais nações que, no hemisfério ocidental, mais amplamente se têm engrandecido, numa ânsia de progresso que a honra e poderia servir de modelo a grande número de outros países que desfraldam o estandarte das mais vastas aspirações dos povos civilizados.

A sua agricultura e a sua indústria vivem na maior prosperidade, embora disponham, quasi exclusivamente, dum único mercado, que é a América do Norte.

Ligada por diversíssimos laços aos Estados Unidos da América, a República de Guatemala foi um dos 26 países que tomaram parte na histórica Conferência do Rio de Janeiro, onde o seu delegado compareceu no propósito firme de se solidarizar com os Estados na atitude assumida perante a guerra, não só porque a causa deles tem particular interesse para a sua vida independente e próspera, mas ainda porque, numa República, que, desde 1872, possui uma legislação social das mais avançadas, não poderia deixar de calar profundamente uma causa em que se debate a liberdade do Mundo.

Pouquíssimo se fala e se conhece, entre nós, da República de Guatemala, e, todavia, quere-nos parecer que se tornaria, muitas vezes, útil recolher, de entre as suas extraordinárias realizações no campo social, elementos que, adaptados às condições da vida europeia, proporcionassem a esta benefícios de elevado valor.

Só desde Dezembro último a Guatemala tem em Lisboa um Encarregado de Negócios, delicado cargo, na época actual, que está confiado a um competentíssimo ministro plenipotenciário de carreira, o sr. dr. Adan Manrique-Rios, cuja actividade diplomática tem conquistado soberbos louros em outros países da Europa onde tem exercício, há largos anos, as funções da sua elevada hierarquia. O sr. dr. Manrique-Rios, é formado em Direito e em Ciências Económicas e Financeiras e tem percorrido já a maior parte das nações europeias.

Conversador brilhante, que cativa e prende quem dele se aproxima, concedeu-

(Continua na pág. 29)



Sr. DR. ADAN MANRIQUE-RIOS

OS ANTIQUÁRIOS



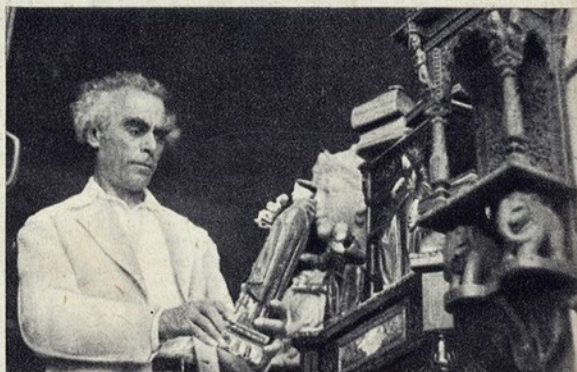
Escolhendo o santo da sua devoção

OS antiquários são os pequenos museus da cidade. Muito embora não figurem no roteiro lisboeta, fazem parte do seu património artístico. Têm um cunho especial, uma atmosfera própria, uma fisionomia curiosa. O seu comércio não exige a grande luz da publicidade, vitrines grandiosas, salões refulgentes, mas calma, sombra, pó, esquecimento, um certo desalinho nos objectos, como que um descuido de arrumação, que incita a gula do *bric-à-bracista*, em cata de revelações. Este possui uma psicologia especial. Mesmo que compre caro, afirma sempre, e, convictamente, que adquiriu uma pechincha. Tem o vício daquilo, a monomania terrível, cruel, exasperada da colecção. Se há os que são colecionam velhas cerâmicas da China Imperial, os Mings da primeira dinastia, de brilho nacarado; outros há que só se preocupam com medalhas, leques, marfins, miniaturas, e que para a peça eleita, única, verídica, datada de séculos, mesmo deteriorada, quasi irreconhecível, dariam o preço do seu sangue.

Os antiquários são como as aranhas. Tecem, devagarinho, a sua tela. Envelhecem entre móveis desirmanados, destroços de casas ricas, preciosidades que eles desconhecem, e peças, duma autenticidade duvidosa, a que dão uma importância excepcional.

O conhecedor tem de saber destrinçar. Não se perder naquele labirinto de maravilhas, navio corsário com o porão atulhado do saque magnífico do tempo e da beleza.

É um mundo de coisas. O tempo passa sobre elas, e deixa-as intactas, mesmo as mutiladas. Lentamente, vão apurando, requintando a sua forma, a sua expressão — que sabemos nós? — a sua alma, não esquecendo o gesto que as entregou à vida — a vida eterna da beleza!



O conhecido antiquário Eliezer Kamenesky, poeta, cantor e, nas horas vagas, artista cinematográfico



Uma velha jarra chinesa que é cuidadosamente reconstituída



Duas jarras da célebre família Mandarin, uma das mais sumptuosas da faiança chinesa

A ACÇÃO DA R.A.F.



De regresso de um raid, a tripulação de um bombardeiro, é rigorosamente interrogada pelo oficial de informações. Todos os pormenores da sua missão são cuidadosamente descritos



Os clichés obtidos pelos observadores são seleccionados e associados de maneira a reconstituír-se uma carta fotogramétrica dos objectivos sobrevoados

A observação e fotografia aérea são os elementos fundamentais da organização da poderosa ofensiva da R. A. F. sobre a Alemanha e os países ocupados. Deles resalta um conjunto de elementos em que se baseia a mais poderosa aeronáutica de todos os tempos.

Em cima, o observador de um avião inglês, com o seu admirável aparelho fotográfico, impressiona uma série de películas de objectivos inimigos.

À direita, o oficial de informações do comando de bombardeiros, numa sala especial, projecta, perante as tripulações de bombardeiros, os efeitos da sua acção sobre um centro industrial do inimigo. O alvo foi atingido com rigor.





Dois artistas tiveram a estranha fantasia de dançar sobre os telhados de Lisboa

SOBRE OS TELHADOS DE LISBOA

LISBOA deixou de ser aquela velha cidade melancólica do século XIX. Os seus costumes, mercê do caminhar do tempo, foram lentamente desaparecendo.

Os seus aspectos exteriores, que reflectem a alma da cidade, modificaram-se. Sobre as trapelhas secaram as últimas plantas herbáceas asfixiadas em vasos impróprios; e os gatos já há muito abandonaram as águas furtadas e elegeram outros lugares para os seus devaneios...

Acabou, felizmente, a fisionomia das coisas velhas que alguns enchiam de pó para lhes emprestar o brilho mortífero do passado. Lisboa é hoje uma cidade alegre, can-



Outra atmosfera, mais ligeira, mais fluida, em que as imagens do bailado parecem desprender-se da gravidade

tante, clara, progressiva, verdadeiramente século XX.

Duvidam?

Se teimam em não acreditar confessam o feio erro de não serem imaginativos.

Com um pouco de fantasia essa Lisboa musical, estuante de vida, salutar, quadro gracioso de modernidade, alada de movimentos, leve como uma pena, despreocupada e festiva, pode vislumbrar-se: para tal bastam-nos pôr nos actos do nosso tempo uma parcela de fantasia. E como os artistas são incansáveis construtores de «castelos no ar», os milionários que esbanjam a fabulosa riqueza da sua imaginação, podem quasi sempre dar realidade ao muito que imaginam.

A objectiva perscrutadora e o sentido de arte do nosso repórter fotográfico, colheram sobre os telhados de Lisboa, o panorama de uma urbe nova, plástica, rítmica, que nada se parece com a cidade antiga de telhados sujos e tristonhos dos tempos idos.



O vento desmancha os cabelos da bailarina e ele voa nas suas asas como um fêlaro batido de sol



A apoteose da dança. A bela prisioneira de cabelos caídos gira rapidamente nos braços do seu par

A vida, afinal, é uma «coisa» simples e bela. O seu encanto reside, exactamente, em não a tornar complicada — em vivê-la com simplicidade e alegria. Individuos idosos, dados mais ou menos a profundas intuspecções, é que têm o cuidado de pretender explicá-la com palavras, a cercam de conceitos e a amarguram de dúvidas. Mas, no fundo, a alegria de viver é bem diversa daquilo que supõem essas preocupadas pessoas, em suas frases complexas...

Um corpo de impecáveis linhas escultóricas, a graça dos movimentos, que é a principal condição da beleza humana, o desenho quasi imaterial de um passo coreográfico, constituem espectáculo de enlêvo para a vista. Não será, talvez, tão importante como um tratado de filosofia; mas devem convir que é mais belo, mais simples, mais humano.

Pois se até encerra a virtude de nos pôr de bem com certas abstracções que, às vezes, nos aborrecem!



O corpo da mulher dobra-se como uma lâmina de aço, numa figura que marca bem o seu estilo coreográfico



Dir-se-ia Hollywood, mas não — é num terraço de Lisboa, que a dança embragadora prossegue cada vez mais viva no seu ritmo



O final da dança. Ela gira num turbilhão cada vez mais rápido, mais vertiginoso



O rei Haakon, da Noruega, que encarna as supremas virtudes da sua Pátria, completa no dia 3 o seu 70.º aniversário

A NORUEGA

na

LUTA

A celebração do 70.º aniversário do rei Haakon da Noruega reúne os votos de todos os seus compatriotas, dos que se encontram no território nacional e daqueles que, por virtude dos acontecimentos, foram obrigados a repatriar-se e vivem actualmente no estrangeiro. Milhões de noruegueses, de todas as classes e de todas as categorias, se sentem unidos pelo mesmo laço de fidelidade ao monarca que tão exemplarmente encarna as altas virtudes do seu povo de agricultores e marinheiros.

A Noruega conquistou, desde a hora em que foi invadida em condições que a história fixou para sempre, o direito ao respeito e à consideração de todo o mundo. Nada supera a bravura com que os seus filhos se bateram contra um adversário que minuciosamente preparara o seu acto. Nenhum valor, por mais alto, excede a dignidade, a firmeza, o patriotismo irrefutável de que tem dado mostras, nas horas dilatadas da adversidade a sua população. Nem um sinal de impaciência ainda se registou. Mas nenhum norueguês deixou de cumprir o seu dever, por mais árduo que ele fôsse, quando para isso foi chamado. Se nas horas dramáticas da inva-

ção a Noruega soube comportar-se em termos de conquistar a admiração geral, depois de ter o seu território ocupado pelo inimigo nunca ela deixou de concorrer para o êxito da causa comum com os seus recursos, as suas possibilidades e a sua fé inquebrantável na vitória da causa a que os seus destinos estão intimamente ligados. Os seus aliados nunca tiveram em menos conta esta atitude corajosa e exemplar e aproveitam os ensejos que os acontecimentos lhes oferecem para testemunhar ao povo e aos dirigentes noruegueses, actualmente no exílio, a sua viva admiração e a sua solidariedade incondicional.

A reticência com que os noruegueses suportam a ocupação do inimigo aparece traduzida em inúmeras cartas que testemunharam a sua coragem cívica. É especialmente no que se refere à sua liberdade religiosa e à independência das suas instituições pedagógicas, a igreja e a escola, que em reticência se tem manifestado por actos de inequívoca bravura. Os seus sacerdotes e os seus professores, muitos deles encerrados em campos de

concentração estabelecidos no norte do país, quasi todos afastados do púlpito ou da cátedra, simbolizam a causa sagrada da independência nacional.

Além da resistência interna, a Noruega afirma a sua vitalidade por um concurso activo e valioso prestado aos países em luta. Com os navios de guerra que conseguiram escapar à perseguição do inimigo e se encontram actualmente enquadrados nas esquadras britânicas, a marinha mercante norueguesa, totalizando alguns milhões de toneladas, sulca todos os mares constituindo um dos mais valiosos elementos no combate ao inimigo comum. Os marinheiros da Noruega, duma pericia e duma bravura que desafiam todos os confrontos, não são, porém, os únicos que procuram redimir a pátria e reconquistar a sua independência. Os aviadores e os soldados cooperam também eficazmente com os seus camaradas dos países aliados. A Gran-Bretanha e os Estados Unidos reconhecem plenamente a importância do concurso que lhes tem prestado.



Um casal de noruegueses, em Inglaterra, onde presta serviço militar



Os noruegueses estão prontos para libertar o seu país do domínio alemão. A Noruega, uma das nações mais cultas do mundo, tem mostrado um admirável espírito de independência e decisão

ACTUALIDADES



A mulher nas oficinas. A mulher que, durante muitos anos, foi considerada um ser frágil, invadiu as oficinas. Mais uma conquista que é um dever



A mulher camponesa. Nestes tempos de guerra, as senhoras da cidade não hesitam em ir para os campos, trabalhar. O trigo, pão de amanhã, é preciosamente guardado



Um novo salva-vidas. Este barco feito de caucho permite que dois naufragos se instalem convenientemente



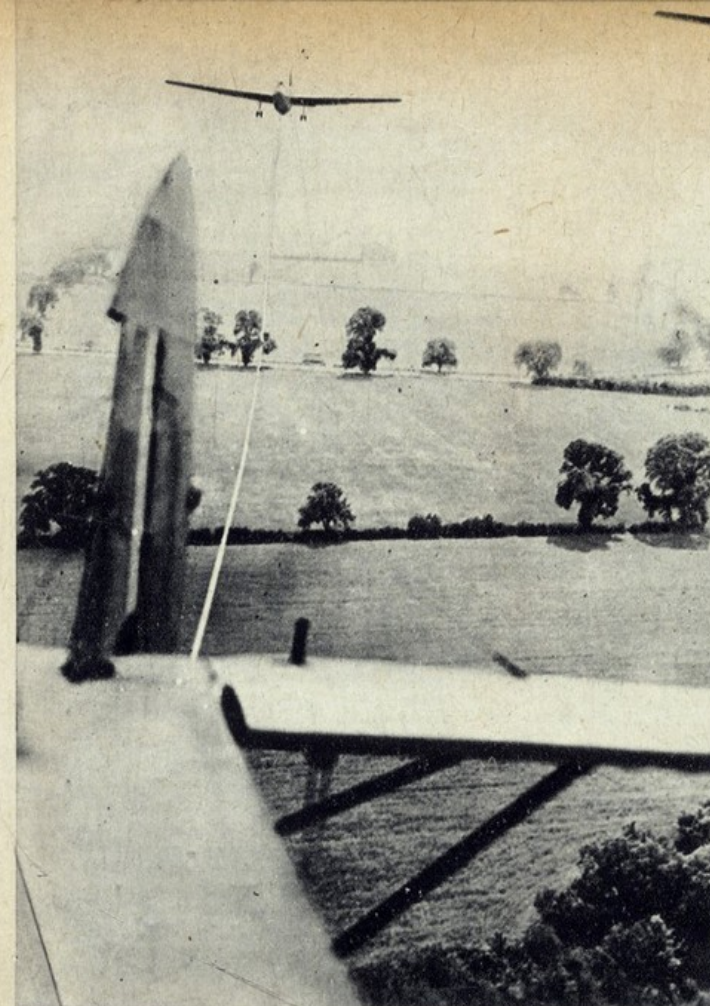
A luta contra a morte. Nos laboratórios, o sangue destinado a transfusões é convenientemente filtrado



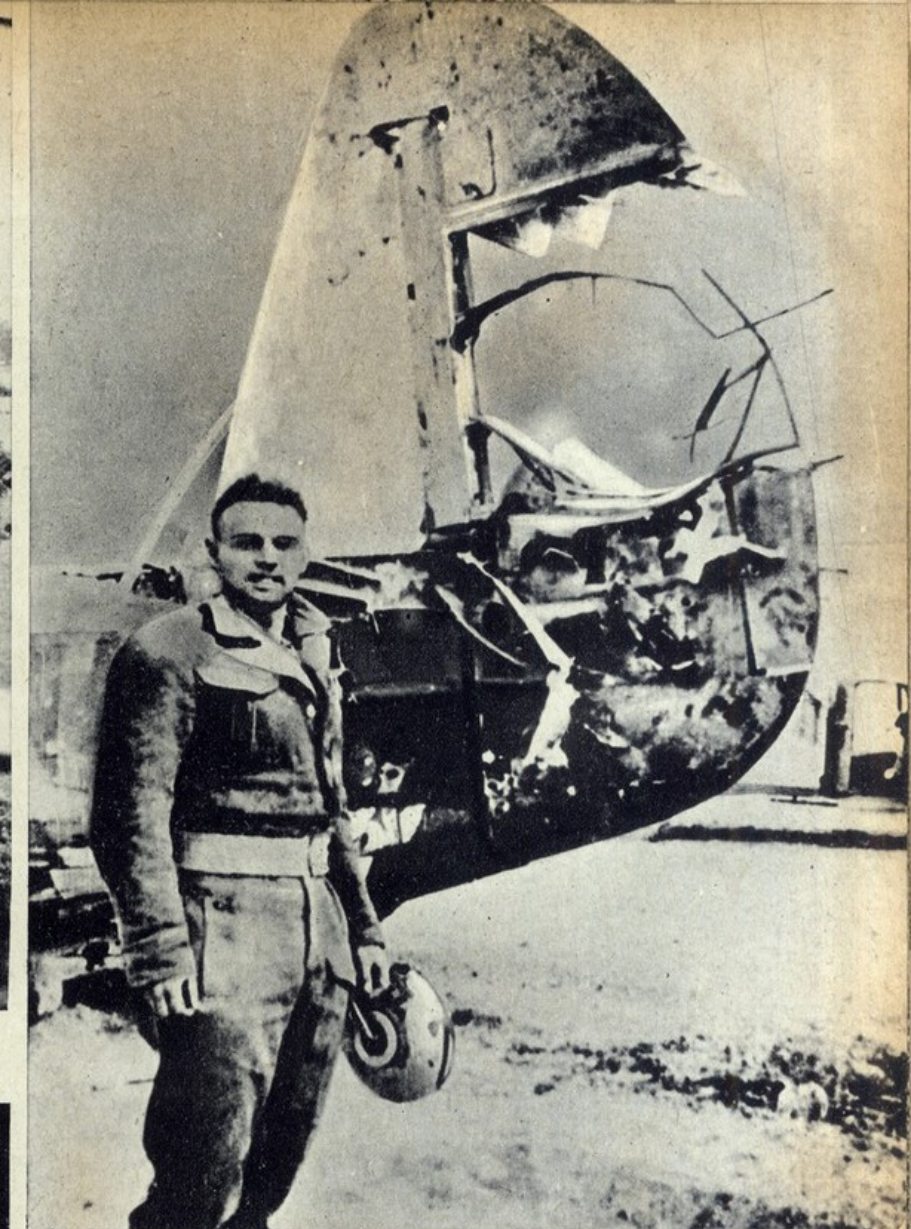
Aviação. Esta senhora, esposa de um herói, baptiza um avião segundo as praxes tradicionais



GÁS. Uma bateria anti-aérea inglesa na qual raparigas fazem um exercício contra ataques químicos, usando equipamento especial e máscara contra gás



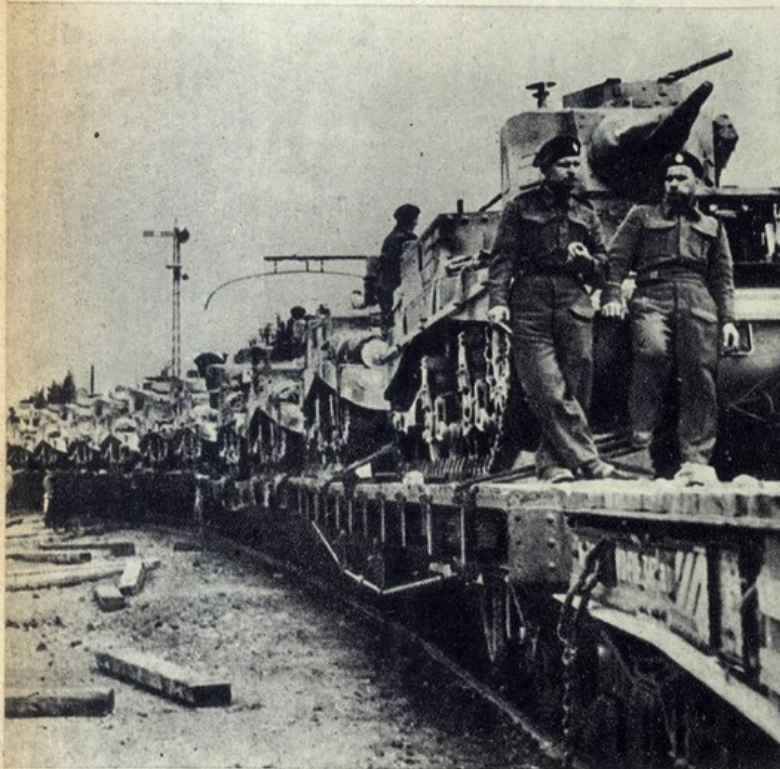
A invasão. A Inglaterra tem hoje a supremacia aérea do continente. O seu poderoso exército aéreo conta com milhares de planadores para o transporte de tropas.



No deserto. As divisões "panzer", no deserto, têm sido incessantemente bombardeadas pela R. A. F. Eis um dos seu pilotos, cujo aparelho, a-pesar-de atingido, regressou à base, mostrando assim a resistência dos aviões americanos.

A INGLATERRA ATACA

Atingido. Esta dramática fotografia mostra um navio do "eixo", imediatamente depois de atingido por uma bomba lançada de um avião inglês. Como sempre a R. A. F. venceu.



Tanks. Um rio de blindados corre para a frente de batalha. Estes são de fabrico americano e tripulados por gloriosos soldados ingleses que enfrentam vitoriosamente Rommel no deserto



Prisioneiro. O tank alemão foi destruído pela artilharia de Auchinleck. O seu único sobrevivente entrega-se desta maneira



Mortos. Um cemitério com cruzes de guerra e capacetes alemães num dos campos de batalha.



Depois da batalha. Os ingleses repeliram o inimigo. Montes de sucata de material alemão e mais soldados do "Afrika Korps", caídos para sempre

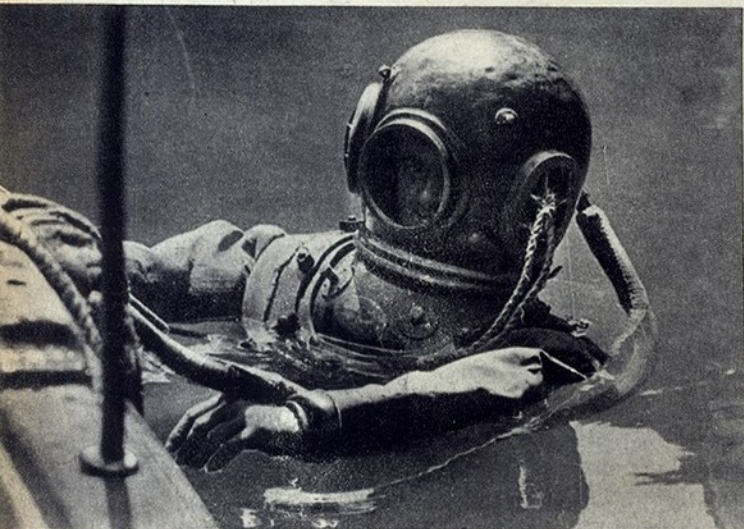


Em plena acção. Os valorosos bombeiros de Lisboa, no telhado de um prédio da Baixa, atacam um sinistro. Por vezes o seu trabalho reveste-se de actos de heroísmo

OS HOMENS QUE ENFRENTAM A MORTE

A vida traz prês a si, num eterno abraço de epopela, o clamor do trabalho. Em todo o lado, como prelúdios duma brutal sinfonia ruidosa de entusiasmos, há, logo pela manhã, o pesado bater do malho na bigorna, numa luta de músculos, retesados do esforço; há a forja que crepita, vermelha das línguas de fogo, há os rebites que se cravam — e há o suor bendito dos que trabalham

encharcando a ganga remendada. Não é só na oficina, que o trabalho, clamoroso, pleno de vida, toma as proporções dum combate pacífico, em benefício da Humanidade. Em qualquer actividade onde o homem, arcaboço endurecido, mãos calosas, entusiasmo viril, põe o esforçado labor do músculo — o trabalho toma a feição característica duma alegoria, rostos crispados, nervos tensos, num



O conhecido mergulhador Januário, que tantas vezes tem penetrado nas águas lodosas do Tejo, efectuando diversos trabalhos de salvamento

ambiente de fumarada... E' por isso que o homem cêdo fica vencido, muitas vezes, pelo calor da forja, pelo tóxico das tintas, pelo esforço do malho.

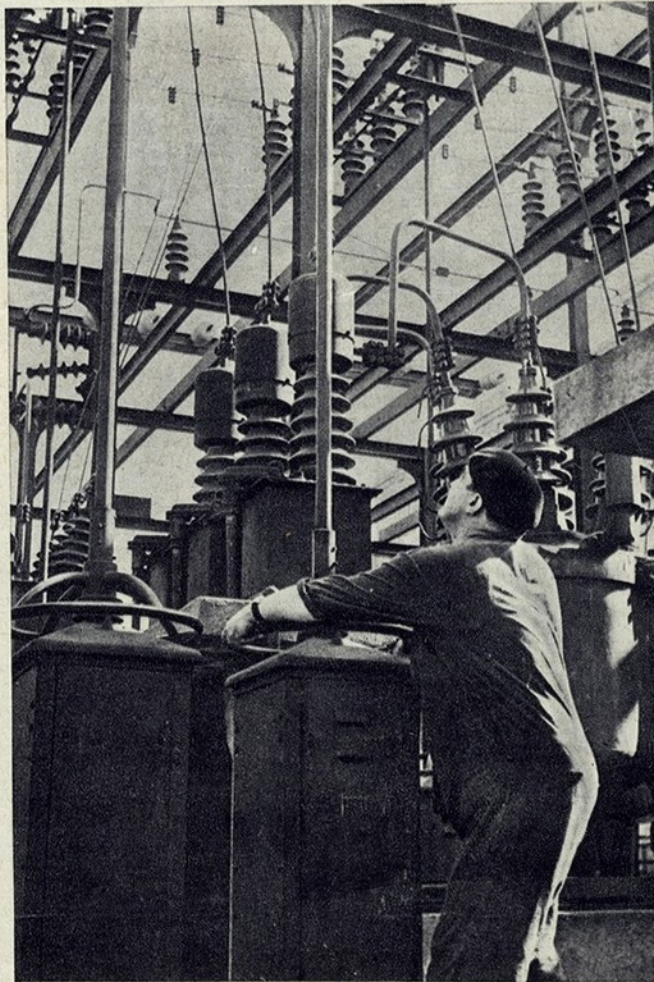
Outros trabalhos há arrojados, onde a Morte paira a roçar tenebrosamente, a vida dos que mourejam, alheios aos perigos, contentes, assoando...

A cidade inteira diverte-se, folga, embriaga-se no entusiasmo estonteante da luz, porque lá longe, perdido no ruído de máquinas a matraquear, há um homem, debruçado, atento, afugentando o sono que lhe quer pesar nas pálpebras, que observa, cuidadosamente, os circuitos, as ligações, o amperímetro.

Outra vida, verdadeiramente generosa de dedicação pelo seu semelhante, é a do bombeiro. Pronto ao primeiro chamamento ele está sempre corajoso, onde está o perigo. Salvar é a sua divisa. E enfrenta a Morte a todo o instante. A sua existência mesmo é um combate com a Morte.

A audácia, o destemor, têm-lhe dado a auréola justa de herói.

O mergulhador descendo no escuro das águas, a profundidades que, uns litros de oxigénio, a menos podem produzir-lhe a Morte, é outro trabalhador, dedicado, valoroso que arrisca a vida. E são estes homens, dedicados, corajosos e modestos até, passando ignorados nas gerações, mas dando com entusiasmo um acréscimo valioso ao progresso, que, lidando dia a dia com a Morte, se acostumam a olhar friamente a vida.



Esta complicada aparelhagem é um transformador de corrente da Central Tejo, que ilumina Lisboa. O seu potencial é de 70.000 vóltios. Uma descarga eléctrica seria mortal

A ALEGRIA DO MAR



Episódios da GUERRA



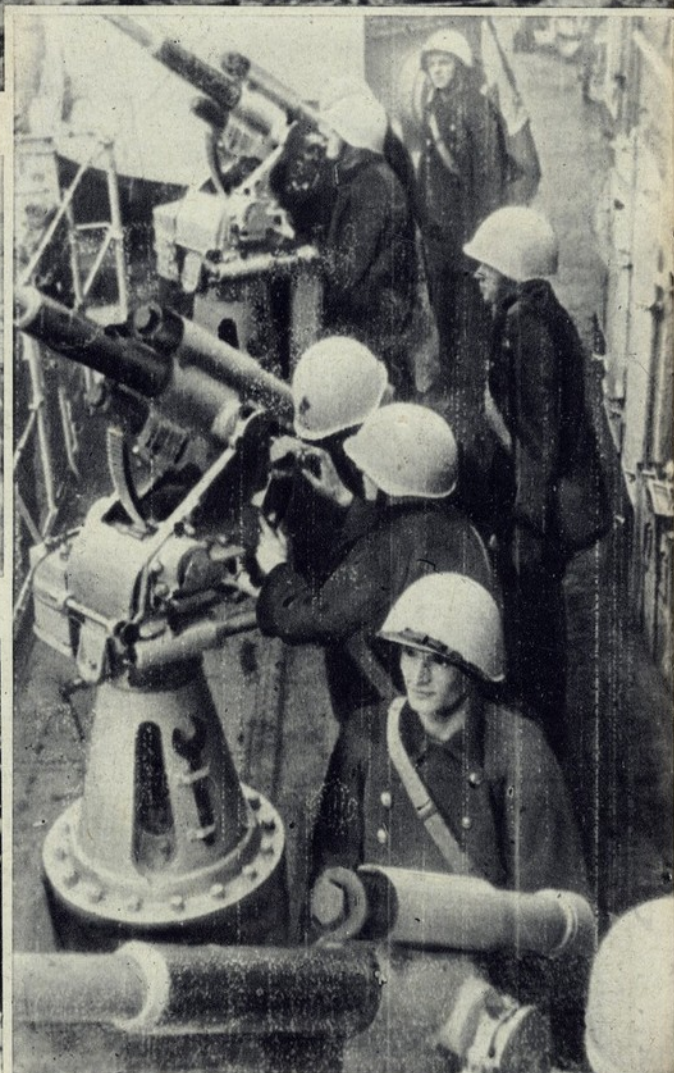
A infantaria sai das trincheiras para atacar uma posição avançada do inimigo



Uma fase da batalha. Os blindados avançam fazendo fogo

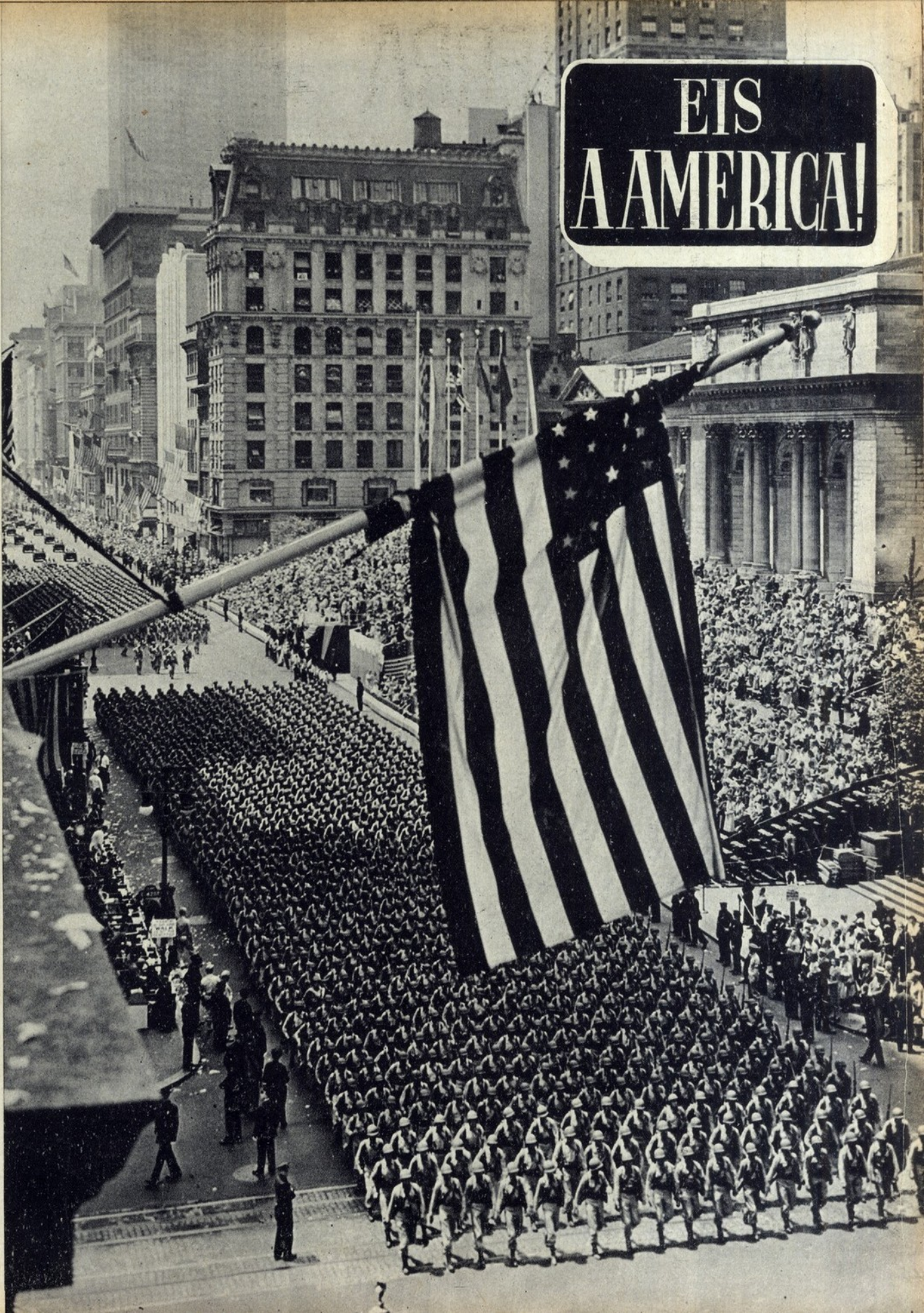


O cavaleiro obrigou o animal a deitar-se e entrega a sua mensagem ao oficial



Os marinheiros também usam capacete de ferro. Um navio em acção

EIS
A AMERICA!



FIGURAS E FACTOS



Os Sindicatos Nacionais reuniram-se no Coliseu dos Recreios para ouvir a resposta do sr. Presidente do Conselho à sua mensagem



O sr. general Amilcar Mota, representante do Chefe de Estado, e subsecretário das Corporações com o sr. Guilherme Cardim, durante a inauguração da sede social do Grémio dos Hoteleiros



O notável artista inglês Cecil Beaton que veio a Lisboa retratar algumas personalidades importantes, com o distinto fotógrafo San Payo



O sr. ministro do Peru entregando ao Chefe de Estado as insígnias da mais alta condecoração do seu País

A FRENTE DE AUCHINLECK



Em plena batalha. Os tanks ingleses, protegidos por uma cortina de fumo e seguidos da valorosa infantaria de Auchinleck, surpreendem o inimigo



Nas cercanias de El Alamein, os redutos inimigos foram aniquilados. Os veteranos do deserto paralizaram a acção de Rommel numa contra-ofensiva brilhante



Uma cena da guerra no deserto. Um oficial alemão é capturado. Toda a resistência é inútil



Um tank alemão destroçado pela R. A. F. Uma bomba atingiu em cheio o blindado, despedaçando a torre



A magnífica artilharia britânica, que tem alvejado com notável precisão as colunas blindadas inimigas



Um canto idílico do «Portugal dos Pequenitos», de Coimbra

UMA OBRA DE ASSISTÊNCIA

NA Sociedade Nacional de Belas Artes inaugurou-se recentemente uma notável exposição sobre a obra social realizada nas Beiras pela Junta de Província da Beira Litoral, organismo dirigido pelo sr. dr. Bissau Barreto.

Deve-se à iniciativa da Casa das Beiras o curioso certame, que documenta uma série de realizações desconhecida da maioria dos portugueses e que, no entanto, tem contribuído extraordinariamente para minorar o sofrimento de milhares de pessoas nas vastas regiões beiroas.

Domina o recinto da exposição, que é dirigida pelo arquitecto Cassiano Branco, um monumento do escultor Matos Chaves, no qual uma criança, dominando o mundo, apregoa os direitos das gerações futuras. Será reproduzido, logo que a exposição se encerre, numa das instituições de puericultura de Coimbra.

Numa parede, um gigantesco gráfico regista a actividade social da Junta de Província, sob todos os aspectos em que ela se tem feito sentir. Depois, vem uma colecção de fotografias, na maioria do artista

Mário Novais, com os mais diversos aspectos do Portugal dos Pequenitos, de Coimbra; do Preventório de Penacova, para crianças, fundado há dez anos; das Casas das Crianças de Ourem—Coimbra, Figueira da Foz, Salreu, Estarreja e Castanheira de Pera, cujos nomes recordam grandes figuras da história de Portugal, como a Rainha Santa Isabel, D. Felipa de Vilhena, D. Felipa de Lencastre, D. Joana de Avelar e a Rainha D. Leonor; do Asilo dos Velhos, em Semide; do Bairro Económico do Loreto, Sanatório da Colónia Portuguesa do Brasil, na Quinta dos Vales, o Sanatório de Celas e a Colónia para Alienados, a concluir brevemente na quinta da Conraria, em Coimbra; e a Leprosaria Rovisco Pais, que vai ser construída próximo de Cantanhede.

Um outro gráfico documenta a luta contra a tuberculose em todos os distritos das Beiras.

A magnífica exposição constitui, de facto, um documentário indiscutível da notável obra social construída nas vastas regiões da Beira.



A colónia agrícola para alienados na quinta da Conraria, em Coimbra



O hospital-sanatório de Celas, para mulheres



A Casa da Criança Rainha D. Leonor, em Castanheira de Pera

NA INGLATERRA



O Dia das Nações Unidas foi celebrado em Londres com uma parada, que bem pode considerar-se histórica pelo significado que teve. Uma panorâmica do desfile, tirada das janelas do palácio real de Buckingham



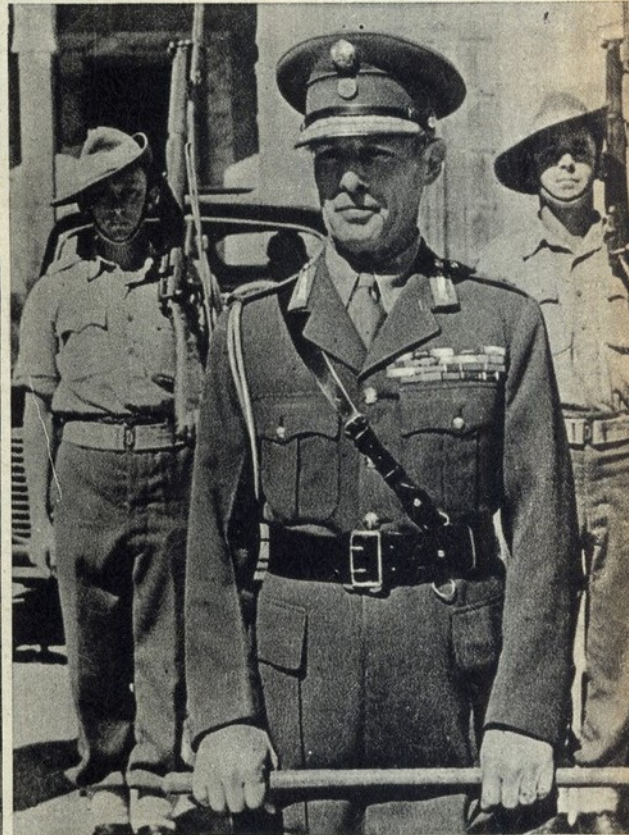
A esquerda a graciosa princesa Alexandra da Grécia, cujo casamento com o rei Pedro da Iugoslávia foi anunciado, com sua mãe, a princesa Aspasia. Trata-se de um verdadeiro casamento de amor



Uma gigantesca formatura de tanks ingleses, a cujas tripulações o grande ministro britânico Winston Churchill passou revista, acompanhado pelo general Marshall



Lord Gort, agora governador da heróica fortaleza de Malta, acompanhado pelo vice-almirante Leatham, numa visita de inspeção



O rei Jorge da Grécia, quando recentemente visitou o Líbano, com a sua guarda de honra australiana. O nobre monarca esteve há pouco nos Estados Unidos onde foi calorosamente recebido



Um lindo vestido de noiva

A MODA É AJUIZADA

Realmente, estamos longe das fantasias espalhafatosas que, noutro tempo, nos faziam hesitar na escolha dum feitio. Mesmo tódas as *fanfreluches* que retornam a 1880 não têm nada de exótico, mas sim muito de feminino e encantador.

E prática, também. Por exemplo, para de manhã, ou compras ou praia, que há de mais prático do que a saia de alças? Com várias blusas, obtêm-se diversos aspectos. No campo ligeiro representa grande papel o linho (ou o alinhado) e também os tecidos de riscas, que são alegres e exigem feitios simples. Riscas azues e brancas, riscas encarnadas — que mais é preciso? Uns botões a dizer, e pronto. Para a bicicleta, estes vestidos são fechados com botões, de alto a baixo, deixando entrever a calça que chega ao joelho e é executada no mesmo tecido.

Os vestidos inspirados nos das camponesas, principalmente copiando-lhes os aventais, são juvenis.

Com estes vestidos claros usam-se casacos mais escuros, em geral sem mangas.

Nos estampados, aparece uma variante: tecido liso em grande extensão, tendo apenas, de onde em onde, grupos de motivos ou ramos de flores.

Grandes capelines, em palha, completam o alacre conjunto.

QUE IDADE TEM?

Conforme responder às seguintes perguntas, assim achará a resposta:

— Importa-se de tirar o chapéu num lindo dia de sol?

— Vai logo ao médico quando tem a mais leve indisposição?

— Prefere *bridge* ao *sport*?

— Horrorisa-se a pensar que pode ficar sem criada? Ou que teria de viver com elle numa ilha deserta?

— Adora que lhe chamem *meutna*, minha senhora?

— Evita sair de manhã cedo?

— Zanga-se se lhe chamarem *madame*, *mademoiselle*?

— Acha que o amor não pode durar sempre?

— Recebe um pequeno choque, quando ainda lhe dizem: — É a mais linda de tódas!

— Fica furiosa se lhe perguntam a idade e olham logo para a mão virgem de aliança?

— Recusa sair porque não foi ao cabeleireiro?

— Desconfia do homem que, conhecendo-a há horas, lhe faz uma declaração?

— Sente-se sentimental, ouvindo versos ao luar?

— Já não gosta de dançar?

— Diz a frase: «No meu tempo...»?

— Arranca os cabelos brancos que sempre teve?

— Há muito tempo que não chora no cinema?

— Ri por tudo e com alegria?

— Critica sempre os novos chapéus?

MODIFIQUE

A SUA BÔCA

Acabou a bôca *botão de rosa*. Acabou a bôca *lâmina de faca*.

Se os seus lábios são muito finos, acentue-lhes o feitio e depois suba e desça, excedendo a mucosa, mas seguindo sempre o desenho natural. Pinte bem por dentro, para se não notar a linha de separação, quando se ri.

Se a sua bôca é muito redonda, prolongue os lábios, pintando até aos cantos.

Se o lábio inferior é proeminente, mais rouge no superior.

Se o lábio superior é proeminente, fazer o contrário. O *báton* usa-se de tom vivo e harmonizar-se-á com o rouge da face.

CURIOSA

ESTATÍSTICA

Uma Companhia de Vigilância Nocturna, publicou o seu relatório anual.

Num ano, eis as provas de esquecimento ou desleixo que essa Companhia verificou:

— Foram deixadas abertas 79.277 portas da rua.

— Por fechar, 21.902 montras.

— 405 cofres-fortes abertos.

— 438 depósitos de gasolina, abertos, deixando-a cair gôta a gôta.

Isto foi em 1940.

Creemos que tudo poderá continuar, hoje, na mesma — excepto os 438 depósitos do precioso líquido...

CASA QUEY

MEIAS — STOKINGS — BAS

VER-O-FIL

T W I S T

OUT SIZES

Maison Française

RUA SERPA PINTO, 18

Disney e a Guerra

O pato Donald, o rato Mickey, o cão Pluto, o touro Ferdinand e o grilo Jimminy que se tornaram famosos em todo o mundo e que encheram de glória o seu autor — o incomparável artista Walter Disney — que tão belos momentos de alegria tem proporcionado a miúdos e graúdos de todas as raças e línguas, também foram mobilizados para a guerra! Foram os americanos e os ingleses — povos de espírito sadio e confiante — que se atreveram a mobilizar os queridos bonecos da petizada. Deram-lhes, como lhes competia, postos arriscados. E sem consultar os milhões de admiradores dos bonecos, vá de estampá-los nas carcassas metálicas dos seus aviões triunfais encarregando-os da terrível responsabilidade de ajudar a aniquilar o inimigo.

Mickey e todas as simpáticas figurinhas do Disney são imortais e os traços que as enformam hão-de perpetuar-se pelos tempos adiante, para recreio e alegria dos bisnetos dos petizes de hoje.



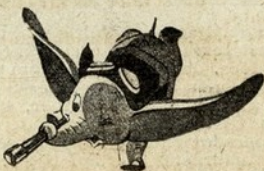
Grupo de Bombardeamento 43



Base naval do Atlântico



Grupo de Bombardeamento de Texas



Grupo de reconhecimento



Grupo de Bombardeamento



Porta-aviões «Illustrious»



Base aérea 45



Esquadrilha de caça de Selfridge Field

LITERATURA INGLÊSA

WALTER SCOTT

ALGUNS críticos acusaram Walter Scott pelo facto de nos seus romances rimados — a sua primeira modalidade literária — não ter conseguido dar a grandeza dramática da história da Escócia.

Haine chegou a sentenciar que Scott ficou entre o umbral da alma e o vestibulo da História.

Cêdo, porém, o poeta reconheceria que a essência evocadora resurgida nas baladas, não era de molde a impressionar a sensibilidade dos seus leitores. Então, encaminha a sua actividade intelectual no sentido diverso: dar começo à novela histórica. E neste género foi dos maiores, mais criadores, vivos e originais escritores.

Quando o realismo na literatura apareceu com determinadas pormenorizações, já Scott havia criado a inovação nos passos descritivos das suas páginas. Contudo, as suas novelas não pretendem expôr teses científicas, nem podem ser classificadas como sermões morais. Elas são, principalmente, narrativas poéticas. Pois, Scott parece ter herdado o sopro forte do solo em que nasceu — e que o tornou pantelista.

E quem sabe se a arte de Byron, já então gloriosa, não teria modificado as tendências do escritor? A despeito das obras poéticas do autor escocês terem sido recebidas com aplauso, os poemas do autor de «Juan», provocaram no campo literário impressivo e incondicional movimento de admiração. Esta circunstância estabeleceu entre os dois poetas um contraste que, de certo, não fora favorável a Scott. A hipótese é de aceitar; pois o autor de «Os Puritanos», afirmara em qualquer momento que a sua carreira literária obedecera a acidentes. Admite-se, portanto, que um desses acontecimentos sugerisse à sua visão criadora desconhecidos horizontes. Se tal não sucedesse, Scott não seria hoje considerado, com justiça, dos maiores, senão o maior novelista romântico. A repercussão da sua obra fez-se sentir em toda a Europa.

Portugal não foi o país menos influenciado pela «maneira» da novela histórica de Scott. Opinião idêntica, vem neste momento ao nosso encontro. Divulgou-a há pouco o prof. inglês John Graham numa curiosa conferência em que relatou pormenores inéditos, ou pouco conhecidos, acerca da influência que o autor dos «Cantos da fronteira escocesa» exercera sobre o romance histórico de Herculano. Diz o referido prof.: «O autor do «Eurico», criador do romance histórico português, viveu emigrado em Inglaterra e lá estudou Walter Scott. Um dos poemas deste autor, «A visão de D. Roderico», foi escrito para Portugal, em 1811, quando os portugueses sofriam as consequências das invasões napoleónicas».

Scott foi das maiores figuras literárias do século XIX. Contudo, não parecia fadado para a Glória. A sua infância foi debilitada por doenças graves. Um ataque de paralisia deixou-o defeituoso de uma

perna. As manifestações poéticas por êle reveladas no alvorecer da juventude não mereceram bom acolhimento do pai. Êste fazia gosto que Walter seguisse a carreira «artística» de músico ambulante. Todavia, Scott ia poetando a despeito do desagrado do pai. Só depois de atingir a maioridade se forma em direito e tenta a advocacia; profissão que, aliás, pouco apazamento trouxe às suas ansiedades espirituais.

Como bom escocês era dotado de carácter forte, inabalável, de vontade tenaz, inquebrantável. Um desejo de atingir a Glória — designio que satisfação — obriga-o a um trabalho constante e exaustivo de autodidaxia. Aos quinze anos, com o propósito de ler no original Dante, Ariosto, o romancero francês, e Cervantes, começou a estudar italiano, francês e espanhol.

Scott presente a vislumbra glória que ambicionara: é tido já como dos mais lidos e admirados prosadores da Europa. Ainda anónimo e já saboreia a consagração do público. A sua primeira novela «Waverley», aparece sem o nome do autor. Esta circunstância excita a curiosidade dos leitores, que aguardam interessados as obras do «grande desconhecido». Scott escreve ainda várias novelas subscritas deste modo: «O autor de «Waverley»».

Seguidamente, publica, entre outros, os seguintes livros: «O Abade», «O Pirata», «O novo Woodstock», e a «Vida de Napoleão». O aparecimento desta obra provoca em França agressivas recriminações críticas sobre o autor. A admiração pelo idolo derrubado em Waterloo, cegava os seus adoradores. Todavia, Scott legou o seu nome e a sua obra que sempre serão lembrados com veneração. Ao contrário, a fama dos seus intempestivos criticadores diluiu-se no pensamento.

A grande «certeza» do escritor escocês, lembra um tanto a «telmosia» de Balzac. Um e outro confiaram em si próprios a vontade de vencer. O autor da «Comédia Humana» costumava dizer na mocidade: «Hei-de ser um grande escritor». Scott sentia a mesma fôrça a impeli-lo para a Glória. Mas não a revelou — calou essa certeza.

Num já glorioso período da vida, herda de um tio avultada fortuna. Então, por afinidades criadas pela profissão, faz-se sócio de editoriais. Não foi porém feliz nos domínios da indústria a que se dedicara. A última empresa que auxilia monetariamente — a casa editora Constable — deixa-lhe a responsabilidade do pagamento de 130 mil libras esterlinas. Scott pede um prazo de dez anos para solver o compromisso. Lança-se então à tarefa gigantesca de escrever para, com o produto das suas obras, pagar a dívida.

O seu trabalho dessa época em diante é assombroso. Os seus livros multiplicam-se. Escreve em poucos anos milhares de páginas.

(Continua na pág. 29)

UM HOMEM NO HOSPITAL

NOVELA DE GUEDES DE AMORIM

QUANDO a enfermeira se afastou, supondo-o adormecido, José Carlos entreabriu lentamente as pálpebras e olhou à sua volta. A enfermaria estava deserta e não se ouvia sequer uma mosca. Desde que ali havia entrado, para que lhe amputassem o braço direito, era essa a primeira vez em que tinha noção exacta e profunda a respeito da sua trágica situação. As cinco camas que se alinhavam à sua frente e as quatro que ladeavam aquela em que se encontrava estirado, estavam devolutas, com as colchas brancas muito bem alinhadas. Essa solidão, pesada de silêncio, deu-lhe a amarga e funda certeza de que a infelicidade só o conhecia a ele. Tanta gente pelo mundo, carregada de infortúnio, sem eira nem beira, e só ele apenas naquela sala de hospital...

Estava ali há oito dias. Tinham-no trazido da fábrica, numa maca, quando sucedera aquêle terrível desastre. E, fazendo um violento esforço de memória, recordava, agora, a origem da sua grande desgraça. Um pequeno grão de areia, trazido talvez pelo vento, quando as janelas da oficina estavam abertas, fizera estorrear e saltar um motor em dezenas de pedações. Estavam outros operários, ali, perto, mas só José Carlos fôra cruelmente atingido. Lembrava-se mesmo ter caído ao chão, esmagado de dores. Depois, tudo se sucedia em neblina, figuras de bata branca e objectos niquelados, que ele não sabia classificar, a não ser pelos golpes de sofrimento que lhe causavam.

Olhou para o que lhe restava do braço, um mísero toco, envolvido em grande chumaço de algodão e gaze. Ainda bem que já lhe não doía. Um sorriso triste lhe aflorou então ao rosto, traduzindo a sua amargura interior. Como a vida era severa e misteriosa! Uma coisa pequenina, insignificante, colocada por malvadês do destino diante dum homem, podia levar à última das misérias ou à morte irreparável. Aquêl grão de areia, aquêl grão de areia... Bastara isso, simplesmente, para que ele perdêsse o braço, o seu vigoroso braço, ficando inutilizado para todo o sempre.

Soergueu-se um pouco, encostou-se melhor à almofada e continuou a tecer dolorosos pensamentos sobre a sua pouco venturosa existência. As pequenas coisas — insistia — provocam sempre as grandes tragédias. Quantas vezes não lhe havia sucedido o mesmo a si próprio? Nem ele se lembrava ao certo. Contudo, um por menor banal, mas bem pungente, ocorrido quando José Carlos contava apenas sete anos, tomava agora extraordinário relevo no seu espirito, como a insinuar-lhe que nem a sua vontade nem as suas ambições constituíam obstáculos inamovíveis para as trágicas deliberações do destino.

Lembrava-se dêsse episódio da sua infância, como se tivesse sucedido no dia anterior. Não tinha a menor idéa da mãe, morta um ano depois de tê-lo dado à luz. Seu pai havia casado de novo. José Carlos vivia feliz. Andava na escola e, com outros da sua idade, passava a maior parte do tempo na brincadeira. A madrastra, uma mulher forte e muito alta, poucas vezes lhe dirigia a palavra e mais



Soergueu-se um pouco, encostou-se melhor à almofada...

raramente, ainda, o repreendia. Não era sua amiga, contudo. Muitas vezes, êle pedia-lhe um bocadinho de doce, do que crescia de certos dias de festa, mas logo ela lhe dizia: «Aquilo é para o teu pai». Porém, isto não era verdade. Certas ocasiões, entrando em casa inesperadamente, José Carlos encontrava a madrastra a comer muito à pressa êsse doce...

Foi, pouco a pouco, ganhando crescente antipatia por essa mulher. Um dia, o pai levou-os a êle e à madrastra a uma festa, na vila. Comeram na sala dum restaurante, em que havia mesas pequeninas e espelhos nas paredes. Deram um longo passeio por diversas ruas, tôdas engalanadas, muitas delas com montras cheias de objectos bonitos que semelhavam altares. Foi então que José Carlos descobriu um bonito combólo numa casa de brinquedos. Namorou-o, apaixonadamente. Gostaria tanto de possuí-lo! O pai, sempre muito seu amigo, ao notar-lhe aquêl olhar interessado, perguntou-lhe: «Queres que te compre?» José Carlos ficou enleado, confuso e o coração bateu-lhe mais apressadamente. Depois, abanou a cabeça afirmativamente. O pai, então, perguntou ao dono da loja qual era o preço do combólo, la comprar-lho, claro, la comprar-lho. Seu pai era sempre muito carinhoso, muito seu amigo. Metia já a mão ao bôlso, para tirar o dinheiro, mas nesse momento, a madrastra disse: «Guarda o teu dinheiro. Tem juízo... Não sabes que o Carlitos dá cabo de tudo?» E foram-se embora. José Carlos tinha vontade de chorar, de gritar, mas reteve as lágrimas. Assistiram à precisão, mas êle não viu nada, já não gostou de nada. Voltaram a casa. E, nessa noite, José Carlos chorou, baixinho, durante muito tempo, sentindo crescer-lhe no peito uma onda de raiva contra a madrastra.

Vinte e tantos anos passados, agora, naquela cama hospitalar, José Carlos reconhecia, tristemente, que o gesto avarento e mesquinho da sua madrastra, influindo no espirito do pai para que lhe não comprasse o brinquedo, tinha-lhe

alterado todo o futuro. Sem isso, teria certamente ficado em casa e seria lavrador como seu pai. Mas, com êsse desgosto, com êsse ódio que consagrava aquêla mulher, sua inimiga obstinada, teve necessidade de procurar longe da casa paterna ar respirável e vida mais tranqüilla. Foi o que fez, por volta dos dez anos. Andou pelo mundo aos baldôes, comendo pão amassado pelo diabo, dormindo onde calhava, chorando e rindo, até que se fez homem.

Sentia-se fatigado, porém, com tão pungentes recordações. Perguntou a si próprio: «Que será feito de meu pai? Viverá ainda com aquêla má mulher?» Ficou ainda mais entristecido por não poder responder a si mesmo. Cerrou então os olhos, disposto a dormir um bocadinho, indiferente aos grãos de areia de miséria e fatalidade que o destino ainda lhe reservasse.

Nesse momento, porém, a enfermeira, entrando ligeira na sala, veio direita à sua cama, e disse-lhe:

— Quere saber uma boa nova?

José Carlos nada respondeu. Que boa nova poderia êle receber? Talvez um novo e triste grão de areia...

— Amanhã, terá alta — informou a rapariga. — Ouvi-o dizer agora ao senhor doutor na secretaria. Mas...

— Mas...

— Ficará connosco!

— Não compreendo...

— Sim, foi resolvido oferecerem-lhe o lugar de guarda-portão do hospital. Não lhe agrada? Para onde poderia ir, assim, aleijado? Sempre será melhor do que andar por aí a pedir esmola... Que diz?

— Ah! Sim. Que hei-de dizer?...

NEOGRAVURA, L.^{DA}

A única Empresa que em Portugal trabalha em heliogravura e onde se executa o Mundo Gráfico

Tr. da Oliveira (à Estrêla), 4 e 10 - Tel. 8 4426 - LISBOA

A CAMPANHA DE LESTE

por CARLOS FERRÃO

A campanha de leste entrou numa fase capital. Pode dizer-se que a ofensiva alemã deste ano se iniciou em 8 de Maio quando foram desencadeados os primeiros ataques de certa violência na península de Kertch. O ataque à praça forte de Sebastopol, que se prolongou durante vinte cinco dias, constituiu a segunda operação preliminar de envergadura no decurso da qual se empenharam efectivos numerosos e se consumiram importantes quantidades de material. Entretanto, registou-se a contra ofensiva soviética no sector de Kharkov também com empenhamentos sangrentos e prolongados.

Em 28 de junho o marechal von Kluge (trata-se do general alemão recentemente promovido àquele posto) desencadeava a ofensiva formal na zona de Kursk e em poucos dias todo o sector sul da frente leste se animou. A batalha então iniciada, e que prossegue actualmente, ficará na história desta guerra com o nome de batalha do Don e com ela os alemães procuram estabelecer o seu domínio ao longo do curso deste rio, um dos mais importantes da Rússia.

A evolução da batalha condicionaria, em muito, os objectivos a alcançar. Por mais duma vez isso tem acontecido desde que, em 22 de Junho, os exércitos do Reich entraram em território soviético e tudo parece indicar que mais uma vez assim será.

Quais são os objectivos possíveis que o marechal von Bock, que superiormente dirige a operação, procura alcançar? Tenta aniquilar o exército inimigo? Mas para isso era necessário uma gigantesca operação de cerco, cuja execução parece assás difícil. De momento, pelo menos, essa hipótese parece pouco provável.

Segundo objectivo: penetrar na península de Cáucaso e ocupar as origens dos carburantes que alimentam as tropas soviéticas. Na impossibilidade de dominar por um ataque frontal a zona fortificada de Rostov, o comando alemão procuraria ladeá-la. Atacando pela retaguarda, partindo de Kertch, e chegarem a dominar o sistema fortificado que corre ao longo do eixo Rostov-Astrakan os alemães apoderar-se-iam dos jazigos petrolíferos de Maikop. Para fazerem o mesmo aos jazigos de Baku e para se apoderarem do respectivo pipeline teriam depois que atravessar a cordilheira caucásica cuja altitude média excede os dois mil e quinhentos metros o que já na outra guerra, como já dissemos, não lhe foi possível em virtude das condições do terreno, que se prestam a uma fácil defesa com o emprego de tropas reduzidas.

Por último é de encerrar a hipótese de que a ofensiva, anulando a resistência soviética concentrada em Voronej, Rostov e Stalinogrado, procure obrigar o exército soviético a retirar-se para a margem oriental do Volga. Seria então, possível, tentar, de novo, uma operação de carácter político. O comando alemão é possível que considere estas três possibilidades, cujo valor decrescente será utilizado na medida em que o consentirem as realidades militares. De momento ha que assinalar o carácter local da ofensiva (que embora poderosa se restringe a um sector da frente) e a acção retardadora das forças soviéticas que retiram sem perderem o contacto com o exército do centro (exército do general Zukhov) e sem perderem a coesão. Das condições em que essa retirada se realizar depende a próxima fase das operações na frente leste.



Através do Iran, pelas estradas e pelo caminho de ferro, afluem à Rússia, numa cadeia sem fim, milhões de toneladas de material bélico enviadas pela Inglaterra e Estados Unidos

A BASE DE INVASÃO

(Continuação da página 8)

para descanso das respectivas tripulações que ali encontram tôdas as condições exigidas pelo conforto e pela hygiene. O comando da base naval de Londonderry está confiado a um chefe categorisado da marinha inglesa, o comodoro Ross Stewart, que actua em plena concordância com o chefe norte-americano dos serviços de escolta, capitão de guerra Thebaud e com chefe dos serviços de operações da armada dos Estados Unidos, capitão de mar e guerra Larson. Foi este oficial que comandou o primeiro comboio que, durante a última conflagração, trouxe para a Europa contingentes de tropas americanas.

As instalações especialmente destinadas ao desembarque, armanezagem e conservação de géneros alimentícios, que chegam em quantidades enormes, são verdadeiramente modelares. O mesmo pode dizer-se das instalações de serviços sanitários, incluindo um hospital modelo, e as quais são a última palavra no género.

Um técnico de excepcional competência, o engenheiro Leedham, fez surgir com a colaboração dedicada de milhares de trabalhadores ingleses, esta verdadeira maravilha da arte de construir num prazo de tempo que, à primeira vista, parece inverosímil. A impressão colhida pelos representantes da imprensa mundial quando foi autorizada a primeira visita à base de Londonderry, é a de que se trata duma inovação arrojada, concebida e realizada em condições de perfeição inexcitáveis. A sua acção no futuro das

operações militares destina-se a ser decisiva. A história falará um dia da base naval de Londonderry, posta de pé num tempo "récord" pelo engenho e pela tenacidade de ingleses e americanos em colaboração estreita, como de um factor decisivo da vitória.

A REPUBLICA DA GUATEMALA

(Continuação da pág. 9)

-nos a honra de uma hora de amena palestra, que nos deixou as mais gratas recordações, tanto mais que ele é, ainda, um jornalista de excelentes faculdades, tendo dirigido, no seu país, um importante mensário, «*Stadium*», órgão da Associação dos Estudantes dos Cursos Superiores, e, como político, o jornal «*La Pictora*», que se caracterizou por ardorosas polémicas.

Tôdas estas qualidades se conjugam em tão ilustre diplomata para tornar imensamente apreciável o seu convívio, muito em especial quando — como sucedeu connosco — a palestra toma um aspecto desprentencioso, abstraído-se dela os mínimos propósitos duma entrevista, ou, sequer, dum vislumbre de intenção de tomar apontamentos das palavras trocadas.

S. Saboya

WALTER SCOTT

(Continuação da pág. 27)

Mas o gigante começa a sentir os efeitos da luta sobre-humana que empreendera. Um ataque de paralisia abate-lhe as forças. Ao cabo, porém, de um curto período de tempo melhora. Logo que o mal se atenua, a sua actividade reacende-se dominadora.

Anos depois, em 1832, tinha então o escritor 61 anos, outro ataque derruba para sempre aquela poderosa organização de homem de letras.

A. R.



A MAQUINA DE ESCREVER MAIS PORTÁTIL DO MUNDO!

Construção suíça de alta precisão

DISTRIBUIDORES:

SUL: M. SIMÕES JR., Rua da Conceição 46. L.º, E. - Telefone 21672 - LISBOA
NORTE: ARAUJO & SOBRINHO, SUCRS., Largo S. Domingos 50 e Filial, Rua dos Clérigos 8, Telefones 235 e 2352 - PORTO

QUEREIS GANHAR DINHEIRO?

anuncial no MUNDO GRAFICO

CINEMA

“FÁTIMA, TERRA DE FÉ”

OUVINDO CÉSAR DE SÁ, DIRECTOR DE PRODUÇÃO DO NOVO FILME DE JORGE BRUM DO CANTO

O nosso meio cinematográfico recebeu com júbilo a notícia da constituição dum novo organismo de produção de filmes. Apraz-nos registar o facto, que revela uma firme e decidida vontade de contribuir para a resolução do problema de continuidade do cinema nacional. Está provado que, entre nós, não escasseiam vocações. Também não nos faltam técnicos capazes de desempenhar, com inteligência, aquela difícil missão — contanto que lha confiarm — e, sobretudo, que ponham ao seu dispor os meios necessários para a realizar. O novo bloco produtor retine elementos valiosos, que andavam dispersos a par de outros que não só asseguraram possibilidades de acção proveitosa como também permitem encaminhar a produção de filmes dentro das exigências da técnica moderna.

Entre os seus elementos mais representativos, figuram o operador José César de Sá e o realizador Jorge Brum do Canto, que já encetou os trabalhos preliminares do primeiro filme, que se intitula: «Fátima, Terra de Fé». Dada a grandeza e elevação do assunto, decidimos ouvir César de Sá, direc-

tor da produção do novo organismo. Engatilhada a primeira pergunta, a resposta não se fez esperar:

— Como sabe, a ideia do filme não é nova. A sua volta teceram-se vários argumentos e tentaram-se algumas organizações, que não conseguiram levar o projecto por diante, devido o este motivo: falta de capitais. Como só agora se removeram as principais dificuldades que obstavam a sua feitura, posso garantir-lhe que a realização de «Fátima, Terra de Fé» é um facto.

— E o argumento...
— Para eixo da acção não utilizamos nenhum argumento novo mas, sim, outro, mais antigo e que foi agora renovado, pois, fôra escrito em 1938. A sua estrutura é a mesma que serve de base à planificação de Jorge Brum do Canto. Embora o argumento tivesse sido registado na Propriedade Intelectual apenas em 1940, existem testemunhos valiosos e até cartas trocadas, com pessoas em destaque no nosso meio, que confirmam tudo quanto lhe acabo de dizer. Em maio de 1939, os meus colegas Aquilino Mendes e Manuel Luiz Vieira chegaram, mesmo, a impressionar para o filme «Fátima, Terra de Fé», algumas centenas de metros focando a peregrinação desse ano, sob a direcção de Aurélio Rodrigues, então indigitado realizador, que tinha como supervisor Jorge Brum do Canto.

— Portanto...
— ... se alguma coisa existe de novo não é o argumento, allás muito modificado nos seus pormenores, mas sim os processos que o vão servir e utilizar.

— Quanto ao realizador...
— Por motivos particulares, que aliás muito o dignificam e lhe dão maiores direitos entre os trabalhadores do nosso Cinema, Aurélio Rodrigues cedeu, de bom grado, a sua posição de realizador a Jorge Brum do Canto, com o qual está, presentemente, colaborando.

— Como decorrem os trabalhos preliminares?

— Dentro da melhor harmonia. Jorge Brum do Canto abraçou apaixonadamente a ideia desta nova realização, não só pelo tema que desenvolve como, também, pelo apolo, carinho e espirito de camaradagem, que nunca deixou de o acompanhar, desde que iniciou os seus trabalhos. O seu nome está à altura de



Bob Hope e Dorothy Lamour vão reaparecer noutra fábrica de gargalhada: «Caught in the Draft»

tratar um assunto tão transcendente. Neste filme, mais do que em nenhum outro, evidenciar-se-ão, de-certo, as suas brilhantes qualidades. Só por isto, creio que o filme «Fátima, Terra de Fé», deve merecer o reconhecimento de todos os trabalhadores cinematográficos.

— Quanto a colaboradores artistas e técnicos...

— Muitos se nos têm dirigido, julgando que estamos empenhados numa grande empresa. Agradecemos e aceitamos, reconhecidos, todo o apoio que nos oferecem. E se se começamos por baixo, modestamente, com meia dúzia

de pessoas, é por entendermos que não há obra construtiva que não deva começar cautelosamente pelos alicerces anónimos, condenados a não serem nunca admirados por quem passa, mas que são o único penhor da segurança do edificio. Há os que começam por pôr o florão, todo rendilhado, na frontaria do seu palácio. Esses florões são apenas decorativos, embora pezem desmedidamente sobre os outros elementos da construção. Nós, por agora, estamos na pedra tosca que se não vê, mas é nela que confiamos.

Antonio Lourenço



Walter Pidgeon e Florence Rice são os protagonistas da nova aventura policial «Nick Carter no Panamá»

Declaro!

“Este BIOCEL alimento para a pele é maravilhoso!”

Ele prova que a pele pode comer



O meu médico disse-me que o «Biocel» contido neste Alimento especial para a pele é obtido de animais novos cuidadosamente seleccionados. Penetra profundamente na pele e fornece-lhe o sustento que necessita para se tornar rija, fresca e jovem.

Descoberto por um grande professor da Universidade de Viena, está agora combinado com o Creme Tokalon (Côr de Rosa) nas proporções convenientes para alimentar os tecidos cutâneos. *Empregue V. Ex.º* este creme à noite antes de se deitar e de manhã aplique o Creme Tokalon, Côr Branca. Em três dias ele permite-lhe começar a desembaraçar-se das imperfeições do rosto e dos músculos flácidos e enfraquecidos. No fim de experiências feitas num Hospital de Viena pelo Professor Dr. Stejskal, em senhoras de 55 a 72 anos, as rugas desapareceram no espaço de seis semanas.

À venda em todas as perfumarias e boas casas do ramo. Não encontrando, escreva para o Depósito Tokalon — 88, Rua da Assunção, Lisboa — que atende na volta do correio.



...aqui AMÉRICA

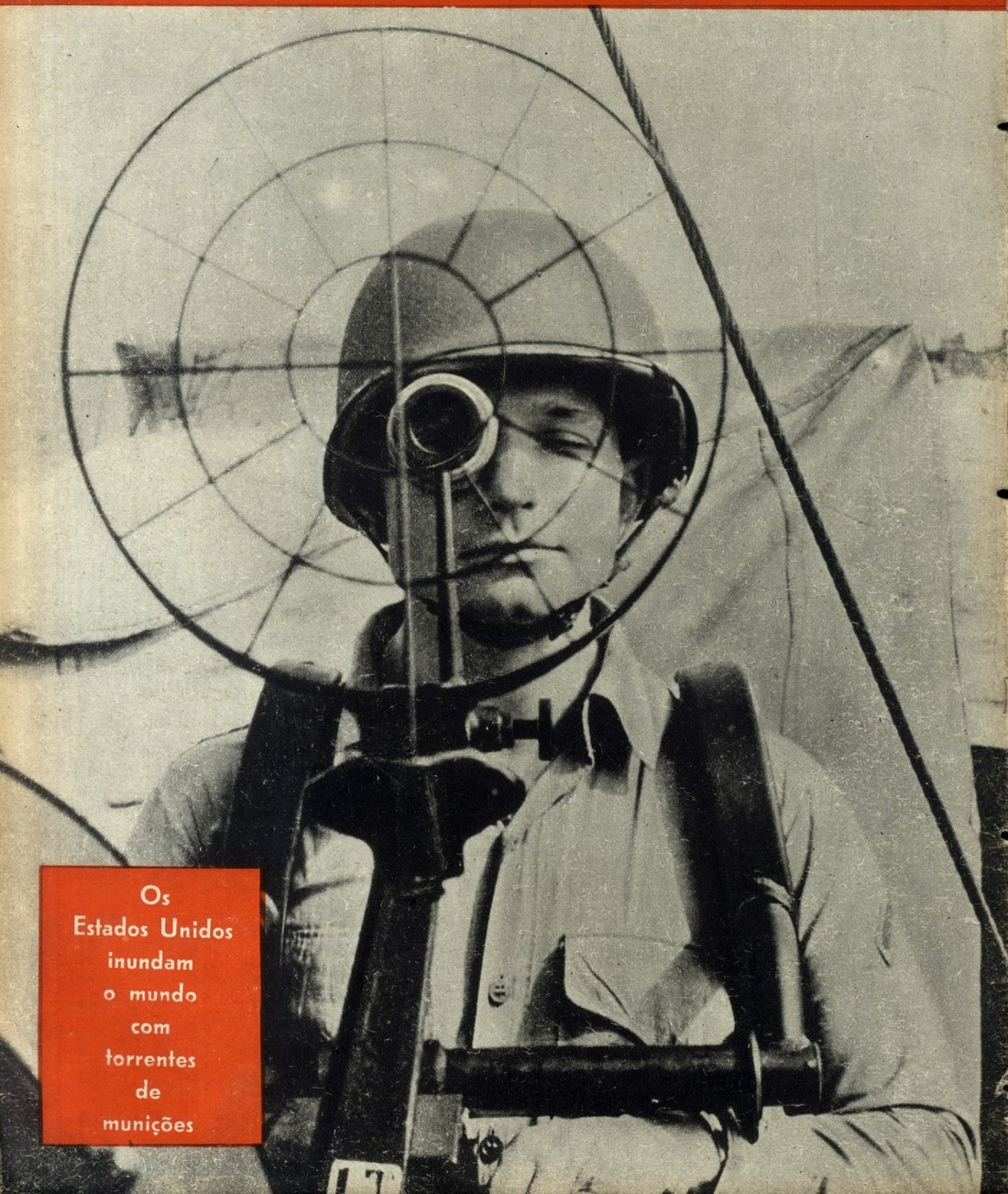
Emissões dos ESTADOS UNIDOS EM LÍNGUA PORTUGUESA

(Recorte esta Tabela para referência futura)

Horas	Dias	Ondas curtas
9,15	Segunda-feira.....	25,23 m. (11,89 mc/s)
	Terça-feira, Sábado...	31,02 m. (9,67 mc/s)
10,30	Segunda-feira.....	25,23 m. (11,89 mc/s)
	Terça-feira, Sábado...	31,02 m. (9,67 mc/s)
20,15	Segunda-feira, Sexta-	25,40 m. (11,79 mc/s)
	-feira.....	30,90 m. (9,70 mc/s)
		49,60 m. (6,04 mc/s)
21,30	Sábado, Domingo	19,56 m. (15,33 mc/s)
		31,02 m. (9,67 mc/s)
21,45	Sábado, Domingo	31,02 m. (9,67 mc/s)
	Segunda-feira, Sábado	19,56 m. (15,33 mc/s)
23,30	Sábado, Domingo	19,56 m. (15,33 mc/s)

OIÇA e VOZ da
AMÉRICA em MARCHA

MUNDO GRÁFICO



Os
Estados Unidos
inundam
o mundo
com
torrentes
de
munições